

QUEM TIVER OUVIDOS, OUÇA: VOZES E ESCRITAS NO CONTEXTO DO CRISTIANISMO PRIMITIVO

*Pedro Lima Vasconcellos**

Resumo

O presente texto procura evidenciar algumas linhas significativas que marcaram a relação entre oralidade e escrita no âmbito do cristianismo primitivo. Para tanto, analisa três redações de uma parábola atribuída a Jesus, encontradas em diferentes escritos produzidos nas décadas posteriores a sua morte. Serão verificadas oscilações sugestivas, que vão desde preocupações de cunho social articuladas a formas de resistência popular à dominação romana em Israel, a outras, de cunho mais teológico, voltadas à determinação do lugar de Jesus na ordem divina.

Palavras-chave

Parábola; cristianismo primitivo; oralidade; alegoria; conflito social.

Abstract

This article proposes to bring out some significant lines that marked the relation between oral and written tradition in early Christianity. Therefore, it analyses three versions of a parable attributed to Jesus, found in different writings that were produced in the decades after his death. Suggestive oscillations will be verified; they go from social themes, articulated to forms of popular resistance to the Roman domination in Israel, to theological concerns, directed to determine Jesus' place in the divine order.

Key-words

Parable; early Christianity; oral tradition; allegory; social conflict.

Eu vos digo que, se eles se calarem, as pedras gritarão.
(Lucas 19,40)

No conjunto abundante e variado das memórias associadas ao galileu Jesus de Nazaré, tem lugar de destaque o conjunto abundante de ditos a ele atribuídos. No que diz respeito a Jesus, “os quatro evangelhos canônicos nos apresentam uma imagem de Jesus como portador de palavras de autoridade e incômodas, e não como leitor, escritor ou herdeiro de uma tradição escolar”. A despeito das variadas imagens que forjaram de Jesus e das várias situações em que o inseriram, foi preservado um aspecto fundamental de sua ação: “Sua mensagem e sua pessoa estão vinculadas inextricavelmente à palavra falada, não a textos”.¹ E a gente que o escutava era iletrada em sua esmagadora maioria, “desconhedora da Lei” (João 7,49), e o mesmo se podia dizer de seus companheiros mais próximos (Atos 4,13): “a disposição cultural e lingüística da maioria dos primeiros seguidores de Jesus era formada de hábitos orais, que estabeleciam ligações apenas tênues com a cultura letrada”.²

“Quem vos ouve, a mim ouve” (Lucas 10,16): os primeiros passos dados, durante a vida e após a morte de Jesus, entre seus seguidores foram na linha de prosseguir a proclamação oral do Mestre. No entanto, há que se pensar na dinâmica que esse processo foi assumindo:

A tradição de Jesus estava viva na missão e na pregação, na práxis e na liturgia, na doutrina e na polêmica das comunidades cristãs. Neste contexto se continuava a repetir os ditos de Jesus e a contar as histórias a seu respeito. A forma e o conteúdo da tradição foram assim recebendo marcas do contexto sociológico e teológico que condicionava a vida dos primeiros cristãos, o que pode ser aplicado, obviamente, ao próprio Jesus.³

Podemos notar vários caminhos que tais transmissões vão tomando. Num deles, para ficarmos com um exemplo, “a tradição das palavras de Jesus é caracterizada por um radicalismo ético, que se evidencia de maneira clara na renúncia à moradia, família e propriedade”.⁴ Só terão conservado tais palavras, não simplesmente para repeti-las, pessoas que de alguma forma se encontrassem à margem da sociedade, para as quais os apelos do Mestre tivessem alguma viabilidade e sentido. Palavras como “deixa que os mortos enterrem os seus mortos” (Lucas 9,60) supõem esse radicalismo itinerante.

O reconhecimento desse aspecto da transmissão do legado oral de Jesus se mostra fundamental para a compreensão do que terão sido os primeiros textos escritos sobre Jesus, que adotam a forma da coleção de ditos e afirmações do mestre de Nazaré. Estamos nos referindo aqui ao já mencionado “Evangelho Q”, coleção de palavras atribuídas a

Jesus, hoje desaparecida, mas quase consensualmente reconhecida como fonte de que se serviram os redatores dos evangelhos segundo Mateus e Lucas.⁵ E a oralidade permeia o processo de redação dos evangelhos que constam do Testamento cristão, como se vê na introdução de um deles (Lucas 1,1-4).

Mas também aconteceu muito cedo a tendência de se retomarem as palavras atribuídas a Jesus não apenas para preservar o conteúdo de seu ensinamento, mas para lhe preservar a memória, o que foi deslocando a atenção da palavra para seu autor presumido. Por exemplo, o evangelho segundo Tomé⁶ também adota a forma de coleção de ditos, no entanto antecédidos, praticamente todos, da abertura “Jesus disse” ou “Ele disse”. A autoridade de Jesus garante credibilidade à palavra agora registrada por escrito.

Outro passo, que interferirá decisivamente no conteúdo das palavras preservadas, será o de converter o dito atribuído a Jesus numa palavra a seu próprio respeito, na medida em que a proclamação dos grupos cristãos primitivos for se centralizando naquele em quem vêem o enviado, o messias de Deus. Os evangelhos conservados no Testamento cristão permitem notar um processo que, embora não uniforme, foi intensamente vivido no seio do cristianismo primitivo: Jesus, “antes portador da mensagem, passa agora a formar parte da mesma mensagem; *de anunciador se converteu em anunciado*”.⁷

Lendo os textos

Procuremos recuperar, num caso específico, aspectos significativos desse processo em que vozes e escritas estabeleceram relações intrincadas: o da transmissão da chamada “parábola dos vinhateiros”.

Conservaram-se três versões dela: uma encontrada no Testamento cristão, outra num escrito bastante aceito nos primeiros tempos do cristianismo, embora não tenha sido acolhido como canônico, e, ainda outra, num texto só recentemente descoberto. Nosso procedimento passará pela comparação entre elas, na expectativa de se poder aventar algumas conclusões. Começemos pela versão mais conhecida, aquela que lemos no evangelho segundo Marcos (12,1-12):

E [Jesus] começou a falar-lhes [às autoridades de Jerusalém citadas em Marcos 11,27] em parábolas: “Um homem plantou uma vinha, cercou-a de uma sebe, construiu um lagar, edificou uma torre, arrendou-a a uns lavradores e viajou. No tempo da colheita, enviou um servo aos lavradores para que recebesse aos lavradores do fruto da vinha; eles, porém, o agarraram, espancaram e o despacharam vazio. De novo, lhes enviou outro servo, e eles o esbordoaram na cabeça e o insultaram. Ainda outro lhes mandou, e a este mataram. Muitos outros lhes enviou, dos quais espancaram uns e mataram outros. Havia ainda um, o filho amado; enviou-

o por último, dizendo: “Respeitarão meu filho”. Os lavradores disseram uns aos outros: “Este é o herdeiro; vamos, matemo-lo, e a herança será nossa”. E, agarrando-o, mataram-no e o atiraram para fora da vinha. Que fará, pois, o dono da vinha? Virá, exterminará aqueles lavradores e dará a vinha a outros. Não lestes esta Escritura: “A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra; isto procede do Senhor, e é maravilhoso aos nossos olhos?” E procuravam prendê-lo, mas temiam o povo; com efeito, perceberam que dissera a parábola contra eles. Então, deixando-o, foram-se.⁸

Saltam à vista a complexidade do texto e a conflitividade expressa em seu conteúdo. Citações do livro de Isaías (5,1-2.4) nos cuidados com a vinha, a menção explícita de uma passagem da Escritura no final (trata-se do Salmo 118,22-23) se inserem em meio a uma narrativa sobre conflito em torno a terras, produção, relações de trabalho, etc. Mas justamente a citação de Isaías advertirá que o texto em questão deve ser entendido alegoricamente:⁹ afinal de contas, a vinha secularmente é tomada como imagem do povo de Israel (Oséias 10,1; Salmo 80,9). Em Isaías 5,7 se lê: “A vinha de Iahweh dos exércitos é a casa de Israel; e o homem de Judá a sua plantação predileta. Deles esperou o direito, e eis a transgressão; justiça, e eis o clamor”. No contexto de uma violenta polémica com as autoridades de Jerusalém, o profeta compara a ação destes à produção decepcionante de uma vinha tão bem tratada. Transferido esse sentido para a versão marcana, a significação soará evidente, ainda mais se tomamos em conta o contexto literário e narrativo em que ela aparece: em Jerusalém, na semana que antecede sua morte, em meio a conflitos com as lideranças políticas de Jerusalém, Jesus, o “filho amado”, estaria antecipando seu destino trágico e sua posterior glorificação: a parábola seria “uma ‘predição’ da morte de Jesus e do julgamento que cairá sobre seus assassinos”.¹⁰

A versão alegorizada de Marcos tem sido tomada comumente como reprodução imediata da fala de Jesus. Mas é necessário atentar para as implicações e dificuldades aí embutidas. Em primeiro lugar, dá-se ao texto uma carga marcadamente anti-judaica, o que não parece condizer com a própria trajetória histórica de Jesus e à origem de seus primeiros seguidores. Em outras palavras, parece haver aí uma transferência de questões posteriores, que dizem respeito à relação entre a tradição judaica e os grupos emergentes de seguidores de Jesus, para o tempo histórico deste. Além disso, justamente as inserções de palavras da Escritura no enredo da parábola permitem notar sua alegorização.¹¹ Resultado de uma redação complexa, o texto tem sua origem numa palavra atribuída a Jesus que foi retomada, adaptada e re-significada com o tempo, e que permitiu ao evangelista adequá-la ao contexto literário em que foi inserida, a saber, uma querela com a elite política e religiosa de Jerusalém a respeito, entre outras coisas, da caracterização de Jesus como Messias por parte de seus seguidores e dos contornos vergonhosos e humilhantes de sua morte.

A suspeita de uma redação tardia, no caso da versão de Marcos, fica reforçada quando tomamos contato com outras versões da parábola, que apontam para outras significações. Vejamos o texto que encontramos em *Pastor de Hermas*, obra cristã do início do segundo século:¹²

Um homem tinha um campo e muitos escravos, e mandou plantar uma vinha numa parte do campo. Ele escolheu um servo muito fiel e estimado, chamou e lhe disse: “Toma conta desta vinha que plantei e, durante minha ausência, coloca as estacas. Não faças mais nada na vinha. Observa esta minha ordem e serás livre na minha casa”. Então o senhor do escravo saiu de viagem. Depois que partiu, o escravo tomou conta e estaqueou. Tendo terminado de estaquear, viu que a vinha estava cheia de mato. Então refletiu e disse: “Já executei a ordem do senhor. Agora capinarei a vinha, pois capinada ficará mais bela, e não sendo sufocada pelo mato, produzirá mais fruto”. Decidido, capinou a vinha e arrancou todo o mato que havia nela. Sem o mato que a sufocava, a vinha ficou mais bela e florescente. Depois de certo tempo, o senhor do campo e do servo voltou. Foi até a vinha e, vendo que estava muito bem estaqueada, capinada, o mato extirpado e que as videiras floresciam, ficou muito satisfeito com o trabalho do escravo. Chamou então o seu filho amado, que era o herdeiro, e seus amigos conselheiros. Disse-lhes o que ordenara ao escravo, e tudo o que vira executado. Eles se alegraram com o escravo, por causa do testemunho que o patrão dera dele. Então o patrão lhe disse: “Prometi a liberdade a esse escravo, se ele executasse a ordem que lhe dera. Ele não só executou a ordem, mas fez bom trabalho na vinha, e isso me agradou muito. Portanto, como recompensa do trabalho que ele realizou, quero que seja herdeiro junto com meu filho, porque teve uma boa idéia e, ao invés de descartá-la, a realizou”. O filho do senhor aprovou a intenção de designar o escravo como seu co-herdeiro... (*Pastor de Hermas*, Quinta Parábola, 55,2-8).

Mais à frente, vamos encontrar uma interpretação das imagens desse texto, tomado evidentemente em perspectiva alegórica:

O campo é este mundo, e o dono do campo é aquele que criou todas as coisas, que as organizou e lhes deu força. O filho é o Espírito Santo, e o escravo é o Filho de Deus. As videiras são o povo, que ele mesmo plantou... (*Pastor de Hermas*, Quinta Parábola, 58,2).

A semelhança com o que lemos anteriormente é visível: a vinha, seu proprietário, o escravo, o trabalho na ausência do senhor, o filho, a perspectiva da herança. Mas não menos notáveis são as diferenças, seja em relação ao desenrolar da trama, em que a perspectiva de conflito desaparece completamente, seu desfecho e a surpreendente identificação dos personagens: Jesus não é designado, como sói acontecer, pelo filho, que aqui aponta para o Espírito Santo, mas pela figura do escravo. Além disso, a interpretação alegórica que se faz do enredo o encaminha para uma apresentação das figuras divinas em que Jesus como que é adotado, feito herdeiro, e só então admitido no âmbito do divino.¹³

Nota-se então como os textos de Marcos e do Pastor divergem significativamente em suas intenções. Mas não há como negar que a matriz geradora de ambos seja semelhante. E se o Pastor não conheceu os evangelhos escritos de que hoje dispomos, como tudo indica, os paralelismos que ele manifesta em vários momentos com passagens desses evangelhos, principalmente com parábolas, explicam-se “satisfatoriamente como um reflexo das correspondentes parábolas de Jesus conhecidas através da tradição oral”.¹⁴ O que faz supor a necessidade de reconhecer esse influxo também para a redação da versão marcada da parábola.

Mas temos ainda outro testemunho. Trata-se do parágrafo 65 do evangelho segundo Tomé, obra recentemente descoberta, e provavelmente contemporânea à redação dos evangelhos que constam do Novo Testamento:¹⁵

Disse ele: “Um [...]”¹⁶ homem possuía um vinhedo e o alugou a alguns agricultores, de modo que cuidassem dele e ele pudesse arrecadar deles a produção do vinhedo. Enviou seu criado para que os agricultores pudessem dar ao criado a produção do vinhedo. Prenderam, espancaram e quase mataram seu criado, e o criado retornou e fez o relato a seu senhor. Seu senhor disse: “Talvez eles não o conhecessem”. Ele enviou outro criado, e os agricultores espancaram também este. Então, o senhor enviou seu filho e disse: “Talvez mostrem algum respeito por meu filho”. Assim que os agricultores ficaram sabendo que se tratava do herdeiro do vinhedo, prenderam-no e mataram-no. Quem quer que tenha ouvidos deve ouvir.

Aqui não há qualquer possibilidade de negar uma relação com a narrativa mais conhecida, aquela do evangelho segundo Marcos. O fio da trama se desenvolve na mesma seqüência, embora o seu termo seja surpreendentemente distinto.

No entanto não cabe estabelecer um vínculo direto, como o de uma dependência literária entre ambos, como já se pretendeu.¹⁷ Na verdade, também aqui se nota uma independência em termos de redação e de intenções narrativas. Note-se que o texto de Tomé parece mais simples, desprovido dos elementos que em Marcos apontavam para uma interpretação alegórica: as menções à Escritura hebraica, a adjetivação do filho como “amado”. Surpreende ainda a ausência da vingança do proprietário da vinha à morte do filho, o que deixa evidentemente a história em aberto. O que não indica que a redação de Tomé não tenha seus elementos próprios, sendo o mais destacado deles o contraste entre a ignorância do escravo em relação aos trabalhadores e a como agir junto a eles e o conhecimento manifestado por eles diante do filho que se aproximava. Dado ainda mais relevante quando se percebe que o evangelho segundo Tomé tem características inegavelmente gnósticas.

Mas a implicação principal trazida pela versão de Tomé à abordagem da parábola dos vinhateiros e à tradição que dela se desenvolveu é a de que sua formulação alegórica, lida no evangelho segundo Marcos, deve ser considerada como secundária. Nenhum elemento

em Tomé aponta nessa direção, muito pelo contrário. E, dificilmente, o redator em Tomé teria tido condições de retirar à parábola a significação teológica imposta pela versão alegorizada se esta já se fizesse presente desde o início do desenrolar da sua transmissão.

Com esses dados, podemos então propor a forma como, a nosso ver, desenvolveu-se a tradição da parábola dos vinhateiros, desde sua proclamação primeira até sua fixação por escrito em pelo menos três tendências distintas.

“E lhes ensinava em parábolas” (Marcos 4,2)

No princípio era a palavra, mais precisamente, a parábola. Como o antigo provérbio israelita, causa espanto, provoca. Surgida do cotidiano da vida, evoca uma determinada experiência que aponta para fora, para frente e para além dela. Uma imagem ou narrativa “tomada da natureza ou da vida diária que atrai o ouvinte por sua vivacidade ou singularidade e deixa a mente com certa dúvida sobre sua aplicação exata, de modo a estimular uma reflexão ativa”.¹⁸ Destaca-se por “seu poder de descrever a vida cotidiana”.¹⁹

Parábola é predominantemente um gênero da fala. Nas versões escritas das parábolas de Jesus quase podemos adivinhar e vislumbrar recursos para alcançar seu objetivo junto aos ouvintes, tais como o suspense, o contraste, a ausência de detalhes desnecessários à trama, a repetição (a mesma ação ocorre duas ou três vezes, para depois ser contraditada), a suspensão da narração quando se aguardaria seu clímax ou conclusão.²⁰

Mas essa palavra falada se caracteriza ao mesmo tempo por sua plausibilidade dentro da lógica da vida e pelo fato de portar um discurso insubstituível, um conteúdo surpreendente, não porque absurdo, mas porque foge dos padrões normais. Lida com o real não a modo de reproduzi-lo, mas de provocá-lo e imaginar sua superação. Daí que as parábolas portem o que alguém chamou de “*caráter autônomo*. São histórias que falam desde si e por si mesmas”.²¹ A seqüência cênica e a rede de relações internas entre os diversos elementos chamam a atenção, de forma a que aquilo que é falado interfira no modo convencional de se abordar e compreender a realidade de que a parábola está tratando. Assim, a autonomia da parábola faz dela um enredo que apreende a realidade de forma criativa e questionadora. Não reproduz simplesmente o real, mas se destaca dele. Surge da realidade, mas a transfigura. Emerge dela, mas não a repete; transforma-a. Parábola decorre de uma realidade, mas não é seu reflexo. Polemiza, questiona o mundo de onde surge, apontando para a superação dele. É instância crítica da realidade que lhe forneceu as imagens e a temática.

E nesse transcender a realidade para transformá-la se encontra o seu objetivo. Ela se entende como reação e resposta à situação real, que vêm justamente do encadeamento progressivo da narrativa parabólica, da forma como sua trama se desenvolve. A “parábola subverte o mundo”,²² na medida em que o estranha, suspeita de suas convenções e regularidades e convida a pensá-lo de forma alternativa. A parábola é expressão da básica insatisfação que produz a religião, a literatura e a política, a cultura, enfim, formulada por Ernst Bloch de maneira categórica: “O que é não pode ser verdade”.²³

Isso ganha relevância ainda maior quando se reconhece que a insatisfação de que as parábolas atribuídas a Jesus tratam majoritariamente a rebeldia fundamental que comunicam vem do contexto rural do Israel do primeiro século E.C., marcado por tensões e conflitos sociais extremamente agudos, que de alguma forma desembocaram na grande insurreição contra o poderio romano, em 66 E.C.²⁴ É à luz desse cenário maior que a proclamação da parábola dos vinhateiros deverá ser compreendida, inclusive porque nos é completamente inacessível o contexto mais específico em que terá sido pronunciada.²⁵ Na relação de seu conteúdo com a trajetória histórica, conjuntural e conflitiva a que se refere, a gente trabalhadora camponesa entrará em ação, com suas dores, vozes, decisões e utopias.

Sobre rebelião

É impossível definir o teor e o formato da parábola que teria sido pronunciada por Jesus no fim da terceira década da nossa era e muito menos que formatos terá tido na mais primitiva transmissão oral. No entanto, parece viável, em linhas gerais, reconhecer como mais próximos a Jesus e a sua fala os contornos da parábola tais quais se apresentam no evangelho segundo Tomé. A essa conclusão se chega pela comparação entre as diversas versões, aplicando vários critérios sugeridos pela crítica literária, como fixar-se no material comum a todas ou, pelo menos, a quase todas as versões, eliminar os traços que traduzam reelaborações posteriores, tais como citações ou alusões à Escritura hebraica, preferir a versão mais simples do ponto de vista da elaboração e possivelmente mais incômoda quanto ao conteúdo que comunica.²⁶ Além disso, o próprio gênero literário do conjunto do evangelho segundo Tomé, uma coleção de ditos independentes entre si, tende a garantir-lhes maior autonomia, sem maiores vínculos a ligarem um ao outro, ao contrário do evangelho segundo Marcos. Nesse último o enredo sobre os vinhateiros aparece bastante “textualizado”²⁷, ou seja, vinculado, inclusive em detalhes, à trama do conjunto do relato evangélico, e por isso adaptado a ele.

Uma parábola que fala de um grupo de trabalhadores que, para não entregar o fruto do seu trabalho ao dono da vinha, acaba agindo de forma violenta, seja espancando escravos, seja matando o herdeiro da vinha, num cenário ao mesmo tempo particular e sintético: um homem proprietário, trabalhadores sem terra, arrendatários, um contrato impreciso. Eis o contexto do Israel submetido ao imperialismo romano, dos campos galileus depois que o rei Herodes expulsou milhares de famílias de suas terras, muitas vezes ancestrais, para doá-las ou vendê-las a grupos estrangeiros que o apoiaram em seu empenho por assumir o trono de Israel como representante do poderio imperial.²⁸ Grandes propriedades (naquela região, dada a sua extensão geográfica, qualquer propriedade um pouco maior é capaz de provocar desajustes e distorções) existem formando categorias diferenciadas de trabalhadores, unidas na precariedade e na incerteza do porvir: escravos aqui, diaristas ali, migrantes por todo lado, uma e outra família teimando em não deixar seu canto. Em nosso enredo são empregados temporários que entram em cena. Em outras parábolas atribuídas a Jesus, serão outros sujeitos, emergentes da mesma situação precária.

Há, portanto, uma situação de violência e conflito anterior à ação dos vinhateiros. A explosão do conflito se dá no momento da colheita ou, melhor, na hora do acerto de contas, costumeiramente tenso. Na perspectiva sugerida pela narração, os lavradores estariam aí usurpando direitos e bens alheios ou na defesa do produto do seu próprio trabalho? As falas que, na versão de Marcos, aparecem em discurso direto se encarregarão de evidenciar o conflito e a perspectiva com que a parábola o aborda.

Em primeiro lugar o proprietário que, no contexto do envio de seu filho, diz: “Respeitarão meu filho”. Essa oração condensa sua consciência de senhor. Sua certeza é de que bastará a presença do herdeiro, do representante da elite fundiária para conseguir aquilo que os escravos anteriormente enviados não conseguiram: apropriar-se dos frutos da vinha. Um dado curioso é que o verbo “respeitar” aparece, no texto grego, na voz média, e é formado de uma raiz com sentido básico de “vergonha”.²⁹ Respeitar o filho implica então, na expectativa do senhor, que os trabalhadores se verão envergonhados: “Vocês vão ver com quem estão falando...”. A intimidação como arma. Respeito advindo diretamente da propriedade e que sujeitará quem não a tem nem a pode almejar.

“Este é o herdeiro; vamos, matemo-lo, e a herança será nossa”: a preocupação dos trabalhadores é com a terra, cuja posse lhes parece possível justamente porque lhes apareceu o herdeiro. Na lógica dos lavradores, “herança” expressa a posse da terra pelo povo, por obra e dom de Deus; a memória secular de Israel, inúmeras vezes consignada em suas Escrituras, confirma-o. Estariam os vinhateiros buscando a retomada da herança que, de alguma maneira, foi-lhes tomada? Tal expectativa dá sentido ao todo do enredo, explica por que negaram entregar aos escravos o fruto de sua labuta: eles têm em vista a terra. O

código deles não é o da vergonha, como enganado pensava aquele que se via como proprietário indiscutível da vinha; suas referências são mais imediatas: terra para trabalhar e produzir. Matar o herdeiro é recurso extremo para viabilizar a posse da terra outrora usurpada a eles ou a seus antepassados imediatos. Ruptura com os padrões de respeito/vergonha para viabilizar o que era corrente na história do povo de Israel e era patente pela leitura das Escrituras: a terra, herança de Deus dada ao povo através das gerações.

A parábola chama a atenção para a ação resistente dos lavradores. Particularmente por não trazer a reação do dono da vinha que, mesmo previsível, não era necessária à narrativa, já que seu foco se centra especialmente na persistência dos lavradores, e não na violência por eles praticada. A tentativa de intimidá-los não surtiu efeito; pelo contrário, estimulou a reação. Possibilitou pensar a terra libertada, com a gente despossuída tomando posse dela. A parábola e sua rebeldia fundamental: imaginar enredos que rompem com a banalidade, com a situação que teima em se conservar: palavras que permitem recriar utopias, vislumbrar liberdades. Fragmentos do que se está por fazer, impossibilidades que se viabilizam na imaginação que teima em pensar que as coisas podem ser diferentes...

Da palavra aos textos

A parábola então recupera a trajetória de tanta gente que se identificaria com a situação descrita, no passado e no presente; sua conexão não é com doutrinas, com textos anteriormente escritos, mas com a situação que a palavra retrata de forma provocante. A eloquência da palavra é aí insubstituível. Quando esta se torna registro escrito, ganha conotações ligeira ou significativamente novas. Assim, no evangelho segundo Tomé, a parábola continua a tematizar o conflito social, mas com um acento particular: a ação dos lavradores é mostrada como modelo de sabedoria e de discernimento. Apenas nessa versão não tivemos a transformação do dito atribuído a Jesus em palavra a seu próprio respeito.

Já nas versões do evangelho segundo Marcos e do Pastor de Hermas, as perspectivas novas são notáveis. No primeiro caso, a parábola alegorizada inicialmente fornece à comunidade cristã uma possibilidade de compreender, à luz da Escritura judaica, a morte violenta de Jesus. E procura legitimar a existência da comunidade seguidora do profeta marginal diante das expressões oficiais do judaísmo de então.³⁰ Fruto de um intenso trabalho de reelaboração, vemos na versão marcana a parábola com os contornos acima comentados lida à luz da tradicional história da vinha, lida em Isaías, imagem do povo eleito. A alegoria daí resultante dá à memória de alguma forma vinculada a Jesus um contorno

completamente novo, adequado às polêmicas e desafios que a Igreja cristã haverá de enfrentar. Não é à toa que se trata da única versão que será acolhida no interior do Novo Testamento cristão.³¹

Já no Pastor de Hermas, a parábola, também recriada intensamente, inclusive porque parece depender também de outro enredo, que conhecemos através de Mateus 25,14-30, tem por finalidade definir a forma da presença de Jesus no âmbito do divino. Por razões que não dependem exatamente dela, essa passagem não teve peso maior no decorrer da história, na medida em que o livro em que ela se encontra, apesar de algumas oscilações iniciais, não teve guarida no bojo da Bíblia cristã.

A recuperação dos estágios anteriores às redações da parábola dos vinhateiros permite uma visão bastante multifacetada dos processos pelos quais passou o cristianismo em seus primeiros tempos. E possibilita uma percepção mais aproximada do horizonte das palavras e ações de Jesus de Nazaré. Fossem, como muitas vezes foram, suas palavras identificadas com uma das versões escritas, e em particular com a de Marcos, aquela que, por sua canonização posterior, adquiriu posição de autoridade e legitimidade,³² e não se teria a possibilidade de recuperar outros cenários e preocupações, mais condizentes com a trajetória do pregador ambulante da Galiléia. Jesus seria tomado como um mestre entretido com escribas, debatendo as Escrituras, argumentando por elas a respeito de si próprio e de sua missão, lidando com as elites e estabelecendo com os letrados seu campo de ação e polêmica. Quadro que, se condiz de alguma maneira com algumas conjunturas do cristianismo posterior, pouco tem a ver com o retrato que os próprios evangelhos pintam do Nazareno. A retomada dos contornos gerais da palavra-parábola a respeito dos vinhateiros, rebeldes e corajosos, permite o duplo reconhecimento do ambiente tenso vivido por Jesus e da conflitividade de que as ações e palavras a ele atribuídas se revestiram. Os primeiros estágios do movimento liderado por Jesus no universo dos párias de seu tempo possibilitam vê-lo debatendo o momento e as agruras presentes, atrevido-se a imaginar alternativas ousadas, inimagináveis até. Palavras a remexer a história, para trás e para frente... para além do que possam dizer delas e a partir delas as instâncias eclesiais e dogmáticas. As vozes, aparentemente submersas, estão lá, e incomodam.

Recebido em abril/2003; aprovado em junho/2003

* Professor do Departamento de Teologia e Ciências da Religião da PUC-SP, mestre em Ciências da Religião e doutorando em Ciências Sociais.

¹ KELBER, Werner. *The oral and the written gospel*. Philadelphia, Fortress Press, 1983, p. 18.

² Idem, *ibidem*, p. 21.

³ KÖSTER, Helmut. *Introducción al Nuevo Testamento*. Salamanca, Sígueme, 1988, p. 564.

⁴ THEISSEN, Gerd. "Radicalismo itinerante. Aspectos de sociologia da literatura na transmissão das palavras de Jesus no cristianismo primitivo". In: *Sociologia da cristandade primitiva*. São Leopoldo, Sinodal, 1987, p. 39.

⁵ Para uma apresentação desse "evangelho perdido" pode-se ler: VAAGE, Leif. O cristianismo galileu e o evangelho radical de Q. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis, Vozes, n. 22, pp. 84-108, 1995. Na mesma revista, às pp. 162-170, encontramos o teor daquilo que desse evangelho foi possível reconstruir.

⁶ Trata-se de uma obra possivelmente originária da Síria, escrita originalmente em grego, mas recentemente descoberta no Egito numa tradução para o copto, numa localidade de nome Nag Hammadi. A respeito dela pode-se ler: KÖSTER, Helmut. *Ancient christian gospels: their history and development*. London /Philadelphia, SCM Press/Trinity Press International, 1990, pp. 75-128; KLOPPENBORG, John S.; MEYER, Marvin W.; PATTERSON, Stephen J. e STEINHAUSER, Michael G. *Q - Thomas Reader*. Sonoma, Polebridge Press, 1990.

⁷ BULTMANN, Rudolf. *Teología del Nuevo Testamento*. 2 ed. Salamanca, Sígueme, 1987, p. 76 (grifo do autor).

⁸ Com algumas variantes, o teor do texto se repete nos evangelhos canônicos segundo Mateus (21,33-46) e Lucas (20,9-19).

⁹ Distinguimos aqui os gêneros parábola e alegoria. Quanto àquela, fiquemos por enquanto com a referência de que se trata de um enredo que deve ser entendido em sua materialidade narrativa e no seu conjunto. Já a alegoria pode ser entendida como "a figura retórica na qual se descreve toda uma série interdependente de conceitos (...) por meio de outra série, também esta, por sua vez, interdependente de conceitos similares, mas provindos de setores diversos" (JÜLICHER, Adolf, citado em SILVA, Valmor da. *A parábola do semeador*. Roma, Dissertação para Licenciatura, 1981, p. 13). Ou seja, trata-se de um enredo no qual se percebem alusões significativas em cada um de seus elementos. Em nosso caso, o enredo sobre a vinha traduziria um panorama da história das intervenções de Deus, o proprietário da vinha (o povo eleito), que a confiou a trabalhadores (as lideranças políticas e religiosas). Estas rejeitaram inicialmente os profetas (os escravos da alegoria) e depois o próprio Jesus (o filho amado). Por isso serão vingados (a vinha será transferida a outros, obviamente os seguidores de Jesus).

¹⁰ DOOD, Charles H. *Las parábolas del reino*. Madrid, Cristiandad, 1974, p. 128. Não é diferente a posição de Michel Hubaut: "Profecia de desgraça, sua parábola [de Jesus] se dirige a todos. O povo eleito está a um passo de perder o benefício da escolha divina" (*La parabole des vigneronns homicides: son authenticité, sa visée première*. *Revue Théologique de Louvain*. Louvain, n. 6, p. 60, 1975).

¹¹ É possível notar que são principalmente os textos da Escritura judaica que permitem a transformação das parábolas em alegorias (CAVE, C. H. *The parables and the Scriptures*. *New Testament Studies*. New York, n. 11, pp. 374-387, 1964/1965).

¹² Trata-se de uma obra provavelmente surgida em Roma. A respeito dela pode-se ler: KÖSTER, Helmut. *Introducción al Nuevo Testamento*, op. cit., pp. 782-787; VIELHAUER, Phillip. *Historia de la literatura cris-*

Salamanca, Sígueme, 1991, pp. 529-537; HOORNAERT, Eduardo. *Hermas no topo do mundo*. São Paulo, Paulus, 2002. Servimo-nos aqui da tradução editada em *Padres apostólicos*. São Paulo, Paulus, 1995, pp. 171-274.

¹³ Essa corrente de pensamento, denominada “adopcionismo”, será mais tarde condenada no seio da Igreja cristã como heresia.

¹⁴ KÖSTER, Helmut. *Introducción al Nuevo Testamento*, op. cit., p. 783.

¹⁵ Servimo-nos aqui da versão de Marvin Meyer, feita do copta, língua em que foi escrito o manuscrito encontrado, embora se suponha que originalmente o Evangelho tenha sido redigido em grego (*O evangelho de Tomé: sentenças ocultas*. Rio de Janeiro, Imago, 1993, p. 63).

¹⁶ Neste o ponto o manuscrito copta apresenta uma lacuna, de sorte que não se pode ter a certeza de que palavra se deve ler aí; a maioria dos intérpretes, certamente influenciada pela versão mais conhecida de Marcos, supõe algo como “honesto” ou “de bem”; no entanto há quem sugira “rico” ou “credor” (veja a esse propósito DEHANDSCHUTTER, Boudewijn. La parabole des vigneronns homicides (Mc 12,1-12) et l'évangile selon Thomas. In: SABBE, M. (org.). *L'évangile selon Marc: tradition et redaction*. Louvain, 1974, p. 218). Isso parece mais coerente com as intenções da narrativa e com o contexto literário em que ela se encontra, dentro de um conjunto de parábolas em que a temática é claramente a crítica social (SEVRIN, Jean-Marie. Un groupement de trois paraboles contre les richesses dans l'évangile selon Thomas. In: DELORME, Jean (ed.). *Les paraboles évangéliques*. Paris, Cerf, 1989, pp. 425-439).

¹⁷ Para a maioria dos autores, a dependência percebida seria a de Tomé em relação a Marcos. Percebe-se, contudo, um preconceito absolutamente alheio à problemática literária: o que se pretende aí é garantir a prioridade do escrito que recebeu aceitação canônica, ou seja, o que foi inserido no Novo Testamento, o evangelho segundo Marcos, sobre aquele que, muitas vezes de forma pejorativa, é classificado como apócrifo. Deve estar claro que, para nossa análise, as caracterizações “canônico” e “apócrifo” aplicadas aos textos da literatura cristã primitiva dizem pouco sobre as características internas deles, mas muito sobre quem os viu dessa perspectiva e sobre as circunstâncias de política eclesial em que ela se desenvolveu. Voltaremos ainda ao assunto.

¹⁸ DODD, Charles H. op. cit., p. 25.

¹⁹ KELBER, Werner. op. cit., p. 59.

²⁰ WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento*. São Paulo, Paulus, 1999, pp. 206-207.

²¹ HARNISCH, Wolfgang. *Las parábolas de Jesús*. Sígueme, Salamanca, 1989, p. 55 (o grifo é do autor). Neste contexto, Harnisch está procurando diferenciar a parábola da alegoria, visto que esta aponta para um conjunto, externo a ela, de referências conceituais a que se encontra vinculada.

²² CROSSAN, John D., apud HERZOG II, William R. *Parables as subversive speech: Jesus as pedagogue of the oppressed*. Louisville, Westminster/John Knox Press, 1994, p. 47.

²³ Apud ALVES, Rubem. *O enigma da religião*. Campinas, Papirus, 1984, p. 46.

²⁴ As parábolas apresentam de forma viva “o mundo predominantemente rural dos que falam e dos que ouvem”. Parábolas expressam “experiências recolhidas da sociedade camponesa galiléia” (KELBER, Werner. op. cit., p. 59). Para uma rápida panorâmica da situação social e política de Israel no tempo de Jesus, bem como da resistência popular nesse contexto, pode-se ler HORSLEY, Richard e HANSON, John S. *Bandidos, profetas e messias. Movimentos populares no tempo de Jesus*. São Paulo, Paulus, 1995.

²⁵ Este aspecto é de fundamental importância: “O enquadramento da história de Jesus [feito pelos evangelistas] é amplamente secundário, o que vale também para o enquadramento das parábolas (...). Para compreender as parábolas de Jesus, tal reconhecimento é de grande alcance” (JEREMIAS, Joachim. *As parábolas de Jesus*. 3 ed., São Paulo, Paulinas, 1980, p. 98).

²⁶ CROSSAN, John D. The parable of wicked husbandmen. *Journal of Biblical Literature*. Atlanta, n. 90, pp. 451-465, 1971.

²⁷ A expressão é de Werner Kelber (op. cit., p. 59).

²⁸ “Foi provavelmente uma progressiva *concentração da propriedade* que aguçou a luta pela sua distribuição no século I d.C. Por confisco, Herodes tinha se adonado de muitíssima terra. Essas propriedades foram mais tarde vendidas pelos romanos. Como compradores, tinham vez somente pessoas com grande capital. Os ricos enriqueciam mais ainda. Suas terras podiam produzir para a exportação... Os grandes proprietários, de qualquer forma, já detinham os terrenos mais férteis” (THEISSEN, Gerd. *Sociologia do movimento de Jesus*. São Leopoldo/Petrópolis, Sinodal/Vozes, 1989, p. 40; o grifo é do autor).

²⁹ Como se sabe, o verbo na voz média grega indica, além do sentido ativo, de uma ação do sujeito em relação a um objeto, um efeito da ação no próprio sujeito (SWETNAM, James. *Gramática do grego do Novo Testamento*. São Paulo, Paulus, v.1, p. 154, 2002).

³⁰ MYERS, Ched. *O evangelho de são Marcos*. São Paulo, Paulinas, 1991, pp. 369-371. Note-se que, em Marcos, a parábola é dirigida às elites de Jerusalém. É por esse viés que o texto acabou adquirindo, com o passar do tempo, uma forte carga anti-semita. No seu contexto original, a redação marcana, ocorrida em torno do ano 70, nas proximidades da destruição de Jerusalém pelos romanos e das conseqüências que esse evento haveria de trazer para as relações entre lideranças judaicas e grupos seguidores de Jesus, é plenamente compreensível na polêmica que propõe. Maiores informações sobre esse contexto, decisivo para a configuração do cristianismo nascente e seu afastamento da religião de Israel, podem ser encontradas em OVERMAN, J. Andrew. *O evangelho de Mateus e o judaísmo formativo*. São Paulo, Loyola, 1997.

³¹ Não temos condições de, aqui, detalhar o processo de composição do Novo Testamento, que haveria de juntar-se à Escritura judaica para formar a Bíblia cristã. Registre-se, contudo, que a elaboração do cânon se deu progressivamente (sendo que o período decisivo se deu nas últimas décadas do século II e as primeiras do seguinte), em meio a intensos conflitos entre grupos que disputavam a hegemonia e a legitimidade para impor um processo de uniformização doutrinária, litúrgica, ética e estratégica. Acabaram por tomar a frente do processo os bispos. Os livros que acabaram formando o Novo Testamento ou possuíam características apropriadas para se adequar aos novos momentos ou, se não existissem nesse ou naquele escrito, outros se encarregaram de servir-lhes de guia hermenêutico. Os artigos publicados no n. 42/43 da *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana* (Petrópolis, Vozes, 2002) oferecem um amplo panorama a respeito de aspectos importantes desse processo pouco conhecido, mas espinhoso.

³² Esse procedimento vai contra as evidências e, inclusive, contra testemunhos da mais remota antigüidade cristã, que apresentam os evangelhos que hoje se conhece como decorrentes de uma tradição oral que se busca fixar (KÖSTER, Helmut. *Ancient christian gospels*, op. cit., pp. 31-43).